

**Psicologia clínica e espiritualidade: limites e possibilidade à luz da fenomenologia  
hermenêutica de Martin Heidegger**

Clinical psychology and spirituality: limits and possibility in the light of the hermeneutic  
phenomenology of Martin Heidegger

Bruna Mota Vieira<sup>1</sup>

Raphael Vicente da Rosa<sup>2</sup>

Carlos Alberto Esdras Raposo de Almeida<sup>3</sup>

Crisóstomo Lima do Nascimento<sup>4</sup>

**Resumo**

O estudo tem como objetivo estabelecer um diálogo entre a psicologia e a espiritualidade com base no pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger. Para tal recorreremos também a algumas noções fundamentais da fenomenologia proposta por Edmund Husserl. Numa intersecção entre Husserl, Heidegger e Mestre Eckhardt, este último um importante pensador da escolástica medieval e influenciador do pensamento heideggereano. Neste sentido, buscaremos trabalhar uma noção de espiritualidade mais ampla. Através de leituras realizadas pelo Grupo de Estudos, Pesquisa e Produção de Artigos em Psicologia Fenomenológica e Existencial (GEPAFE) da Universidade Federal Fluminense (UFF/Campos), este escrito se propõe a pensar em uma noção de espiritualidade fundamentada na correlação entre homem e mundo, preceito estruturante da fenomenologia através da ideia de intencionalidade.

**Palavras-chave:** Fenomenologia; Espiritualidade; Psicologia.

**Abstract**

The study aims to a dialogue between psychology and spirituality based on the thinking of the German philosopher Martin Heidegger. For this we will also resort to some fundamental notions of the phenomenology proposed by Edmund Husserl. In an intersection between Husserl, Heidegger, and Master Eckhardt, the latter an important thinker of medieval scholasticism and influencer of heideggerean thought, we will seek to work on a broader notion of spirituality. Through readings made by Group of Studies, Research and Production of Articles in Phenomenological and Existential Psychology (GEPAFE) at the Federal

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF/Campos);

<sup>2</sup> Graduando em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF/Campos);

<sup>3</sup> Graduando em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF/Campos);

<sup>4</sup> Psicólogo, doutor em Educação e professor adjunto da Universidade Federal Fluminense (UFF/Campos).

University Fluminense (UFF/Campos), this paper proposes to think of a notion of spirituality based on the correlation between man and world, structuring precept of phenomenology through the idea of intentionality.

**Key-words:** Phenomenology; Spirituality; Psychology.

A tradição do pensamento ocidental está enraizada em uma construção histórica que, por vezes, envolve a tematização de “mundo” de forma dicotômica, o que quer dizer que compreendemos numa noção cartesiana e dualística, podendo haver no cotidiano da publicidade impessoal modulações do pensamento dicotômico. Trata-se de uma concepção metafísica que funda uma tradição do pensamento ocidental e que muitas vezes acaba por estabelecer uma cisão entre homem e mundo e/ou sujeito e objeto, em que acreditamos que podemos isolá-los e descrevê-los como verdades que independem de nós e que dão conta da totalidade de tais fenômenos. Ora o primado é idealista, ora realista. Em outras palavras, ora a psicologia se pauta no subjetivismo, ora no objetivismo, estabelecendo assim, uma relação de verdade não enquanto verdade concernente ao que vem a luz no fenômeno, mas enquanto *veritas*, ou seja, verdade absoluta que ainda está pautada na tradição do pensamento metafísico (HEIDEGGER, 1988). Como a naturalização da existência dentro das relações dicotômicas na maior parte das vezes não é contestada, o homem acaba por “negar” seu caráter existencial e a reduz a uma percepção empobrecida de mundo.

É neste contexto que o filósofo alemão Edmund Husserl, ainda no século XIX, propõe um caminho diferente a pensar, que não pretende desqualificar a metafísica, mas possibilitar uma crítica, de maneira dialética. Logo, tanto a verdade quanto o método para acessá-la são múltiplos, instáveis e provisórios, consciência para este pensador é sempre consciência de algo, não podendo separar a consciência do objeto (ZILLES, 2012). Tal afirmação demonstra que a consciência não está fechada em si, ela se abre ao exterior e se coorigina com o mesmo. Significa dizer sempre estamos lançando mão de nós mesmos ao nos relacionarmos com o mundo, portanto homem e mundo se confundem. Assim, muito influenciado por ideias do filósofo alemão Franz Brentano, nasce a noção de “intencionalidade” (ZILLES, 2012) dentro da compreensão fenomenológica transcendental de Husserl.

Na maioria das vezes, calcados no modo de pensar veritático, não refletimos que o que vemos pode ser outra coisa além da que nós vemos, sendo assim, pensamos conceituando, entificando, sempre de acordo com a visão cientificista em que estamos inseridos. Este modo de pensar científico, onde há cisão entre objeto cognoscível e sujeito cognoscente é comum na

*Revista Mundo Livre, Campos dos Goytacazes, v. 4, n. 2, p. 58-66, ago/dez 2018*

tradição do pensamento ocidental e passa por todas as esferas do conhecimento, abarcando também o modo como pensamos a religião no ocidente.

Sendo intencionais, sempre damos um sentido possível às coisas em determinado momento. Só somos intencionais (ZAHAVI, 2015) por que há um campo de possibilidades possíveis de onde brota o sentido que damos num momento, mas que em outro momento pode ser diferente, desta forma a verdade não possui estabilidade e segurança do conceito, trata-se de um novo olhar sobre a questão do ser acompanhada da ideia de grega de *aletheia* que torna possível uma aproximação mais íntima do homem como modos infundáveis de ser, permitindo assim fundar uma nova ontologia identificada como fenomenologia. A *aletheia* para os gregos antigos significava um vigor do pensamento, a palavra *aletheia*, assim como *veritas* também é traduzida como verdade, exceto que *aletheia* é entendida como verdade experiencial, verdade vivida que não está fora daquele que diz, mas é apropriada pelo mesmo (GONÇALVES, 2014. p. 569).

A concepção comum de religião propõe uma religião com o divino, partindo do princípio de que pode ser experienciado por todos através de uma mesma prática, embora essa forma de ligação seja criticada por pensadores dentro da própria tradição religiosa. Esse modo de pensar religião só seria possível se não fôssemos intencionais e se nos fosse possível estabelecer uma relação descolada de nós mesmo com aquilo que vemos. No entanto, só conhecemos porque intencionamos, isto é, através de um dado, visamos algo não dado. As noções de religião espiritualidade e Deus, por exemplo, fazem parte de um círculo hermenêutico que não se fecha, mas se constitui (ECKHART, 2004). Aqui se entende círculo hermenêutico como a interpretação inerente à totalidade da experiência humana que está vinculada a uma condição de possibilidade finita, trata-se de uma tarefa criadora, circular que ocorre no campo onde os fenômenos são dotados de sentido pelo homem.

A dicotomia estabelecida entre homem e Deus é presunçosa desde seu início. A divindade não está separada ou distante de nós, uma vez que, nas concepções de espiritualidade orientais, por exemplo, não há separação entre o conhecedor e aquilo que é conhecido, se dando de forma correlacional.

Aqui, problematizaremos a ideia de religião e espiritualidade, não de maneira excludente, mas de forma a nos questionarmos. Como dito anteriormente, nas tradições orientais, zen e budista, por exemplo, a busca pela espiritualidade é construída dialeticamente, não propondo assim, uma religião não com o ideal divino, mas sim com a própria relação que é estabelecida com a divindade em questão. Embora ainda presa à tradição do pensamento

ocidental, a Psicologia tende a propor uma forma de compreender o Homem através de sua experiência, ouvindo o que este tem a dizer sobre seu próprio sofrimento. Por isso, a fenomenologia tem muito a contribuir a prática clínica. Entender a relação homem/mundo possibilita reconhecer o horizonte de possibilidades que a experiência pode dar. A compreensão de espiritualidade que pode ser “aprendida” pela filosofia oriental e por pensadores como Mestre Eckhart, possibilita um compreender que é ignorado pela relação dicotômica da tradição ocidental. Faz-se necessário dizer quem foi Mestre Eckhart e como seu pensamento influenciou as ideias de Martin Heidegger (1927). Eckhart foi bispo da escolástica medieval que tentou falar sobre Deus de uma forma diferente da qual se estava habituado na época. Sua concepção de divindade perpassa o campo experiencial e não o da devoção. É por esta e outras razões que se faz pertinente aqui a articulação entre o pensamento deste pensador junto ao pensamento de Heidegger. Os escritos de Mestre Eckhart foram abominados e ele excomungado da igreja católica.

Heidegger (1889 – 1976), aluno de Husserl faz uma nova leitura do conceito de intencionalidade, mas vai além. Segundo o filósofo alemão, o Ser foi esquecido na história do pensamento ocidental envolvendo todo um velamento das questões que pautam a cisão entre Ser e ente, portanto coube a Heidegger o resgate da questão do Ser.

Em *Ser e Tempo* (1927), principal obra de Heidegger, o autor problematiza o próprio questionamento sobre o sentido do ser o que o leva aos conceitos de *Dasein*, ser-no-mundo, pre-sença. Segundo o pensador da Fenomenologia Hermenêutica, *Dasein* envolve a seguinte proposição: “Designamos com o termo *Dasein* este ente que cada um de nós mesmos sempre somos e que, entre outras coisas, possui em seu ser, a possibilidade de questionar” (HEIDEGGER, 1927).

O uso do étimo *Dasein* cabe em primeiro lugar ao ser dos humanos e em segundo lugar ao ente que possui tal ser, *Da-sein* comporta duas palavras conexas: *Da* (aí)-*sein* (ser) onde tal “*Da*” diz respeito ao espaço que abre e ilumina, ou seja, a morada enquanto propriedade do ser. *Dasein* é necessariamente pre-sença, ou seja, está sempre em jogo a essência de sua existência, derivando aqui etimologicamente de *ek-sistere*, ser-para-fora, ou seja, *Dasein* constitui uma abertura. Ser-no-mundo, como cunha Heidegger por não haver dissociação entre os elementos unitários, pois tal expressão já vem à tona como uma unidade, “Ser-no...” não constitui um “dentro”, entretanto um “junto”. Como cita o pensador alemão em *Ser e Tempo* (1988), há uma justaposição entre Ser e mundo enquanto entes.

Segundo Heidegger (1988-1990) “A interpretação de algo como algo se funda, essencialmente, numa posição prévia, visão prévia e concepção prévia. A interpretação nunca é a apreensão de um dado preliminar isenta de pressuposições. (...) Em todo princípio de interpretação, ela se apresenta como sendo aquilo que a interpretação necessariamente já “põe”, ou seja, que é preliminarmente dado na posição prévia, visão prévia e concepção prévia”.

Desta forma, o homem como conjugado de sua própria vida, cultura, impressões e preconceitos tem suas interpretações impregnadas do tempo que foram concebidas dentro de um horizonte possível de possibilidades, isto é, trata-se de um círculo hermenêutico que não se separa da existência daquele que conhece. Após citar tal justaposição é importante ressaltar que *Dasein* compreende mundo<sup>5</sup>, ou seja, ele apreende tudo aquilo que está a sua volta numa relação co-originária entre o que ele é e aquilo que ele percebe.

Como dito anteriormente, o processo de personificação de Deus é uma questão histórica e ocidentalizada. Este Deus personificado está cheio de historicidade e sentido. Pensar Deus na radicalidade fenomenológica é pensar Deus como o nada, no sentido em que nada está posto e, nada estando posto, tudo é. É na possibilidade de encontrar o nada que eu posso encontrar tudo. Encontrar Deus tal como propõe a perspectiva fenomenológica seria então um “encontrar o nada, que é o encontrar tudo possível”, ou seja, desapegar-se das concepções e ideais divinos e ir ao encontro.

A noção de serenidade ou, *gelassenheit*, presente no pensamento de Heidegger ajuda a compreender melhor o que seria essa concepção de Deus não como substância material e sim como experiência correlacional. Eckhart usará de um termo chamado “desprendimento” ou *abegescheidenheit* e podemos dizer que, muito influenciado pelos escritos deste pensador, Heidegger falará de *gelassenheit*.

Pensar em desprendimento está no campo de desprender-se de vontades. Se isto for da ordem do voluntarístico está no campo de uma razão, ou seja, de uma vontade. A vontade já opera num nível de apego e o desapego é mais originário que a vontade.

O que é encontrar Deus? É algo que se vive e não se representa. É algo que se sente. A melhor forma de se aproximar de Deus é se distanciar de Deus, ou seja, a melhor forma de ir ao encontro com a experiência divina é afastar-se das concepções metafísicas que temos de

---

<sup>5</sup> Mundo numa compreensão fenomenológica é a relação entre homem *dasein* e aquilo que o circunda, ou seja, a cooriginariedade entre dois entes que resultam no fenômeno.

Deus, o que, em última instância, é afastar-se de si próprio, de seus fundamentos e representações.

Deus aqui é visto como uma totalidade que não se reduz às representações que são criadas sobre ele e que, no entanto, a tradição insiste em personificá-lo ou entificá-lo. O encontro com Deus é o “não pensar”. Qualquer representação é finita, pois já está firmada em uma representação de mundo e toda representação é limitada. “Eu só consigo me aproximar de Deus se eu me afastar de Deus” (ECKHART, 2004).

A gratuidade do relacionar-se é um puramente respeito, é uma permanente contemplação do todo possível. Quão mais você se despe das representações, mais perto de Deus é possível estar. O amor divino é gratuito por que ele não está ou pelo menos não deveria estar condicionado a uma ou outra coisa para se realizar.

A nossa forma de lidar com isso não é a mesma imerso nessa possibilidade enquanto indeterminativa, ou seja, enquanto algo que está previamente determinado. Esta forma de lidar previamente indeterminada seria aproximar-se do desapego. Desapego que te faz compreender que existe um horizonte de possibilidades que nada determina ou põe como posto. Tudo são possibilidades. Desta maneira, a minha relação comigo mesmo muda. É um desapego em que você estabeleça outra relação com o seu fazer, que você pense de outra forma com o seu pensar e que você seja intencional de outro modo com a sua intencionalidade. No fim, o desapego é o exercício de não fazer.

Não há como ensinar espiritualidade ou Fenomenologia, por exemplo. Vira técnica e vai ao caminho contrário à proposta. Tudo isto está associado muito mais ao campo do desaprender. Fenomenologia é o campo de possibilidades e o desaprender é o campo em que habita. A sustentação do campo de possibilidades, onde todas as possibilidades têm o seu valor, todas tem seu sentido absoluto, no sentido de momento e se fazem pertinentes a cada momento, mas que nenhum destes valores ou sentidos esgota uma possibilidade com mundo. Os rituais religiosos estão dentro de cada um de nós, pois Deus só existe para nós.

O pensamento que calcula é um pensamento que controla e trabalha numa perspectiva qualitativa de acúmulo e provimento, conforme Heidegger descreve no texto “A questão da técnica”. Neste sentido, podemos dizer que o homem atual é um homem que “muito pensa” e, no entanto, pouco pensa. O sofrimento é a ausência do pensamento meditativo. Podemos nos indagar: “Por que não conseguimos nos livrar de algo que nos faz mal?”. Só existe tratamento psicológico por que há sofrimento e o sofrimento pode ser entendido como uma forma de distanciamento de você mesmo.

É a partir da noção de desprendimento em Eckhart que nasce a ideia de serenidade, em Heidegger. A postura serena é uma postura desprendida, que é uma postura de equidistância das coisas, aceitando a realidade como possibilidade de sentido. Isso é viver distante as nossas representações de verdade. Desprendimento, portanto, é uma libertação de nós mesmos.

“Somos” seres finitos vivendo de forma infinita e levamos isto a todos os aspectos de nossa vida. Ser finito significa dizer que estamos sempre nos findando, no entanto, temos dificuldade em lidar com isso e, portanto, na maioria das vezes procuramos “infiniteizar” nossa existência, postergando-a. As religiões, no geral, estão sempre fazendo isso ao falar em vida pós-morte ou reencarnação, por exemplo.

Qual a maneira que isto pode se dar na clínica? O peso das coisas está na nossa maneira de lidar com elas. Isto é desprendimento. “O desprendimento é mais um estado do que uma ação”. Ele não é nominável, é vivencial. As religiões ocidentais dão sentido à existência. As religiões orientais sustentam o nada existencial e grande parte da literatura budista corrobora com a noção de nada, vazio, ausência ou até inexistência da existência como nas palavras de um monge através do filme *Surfando nas montanhas sagradas do Himalaia* de Leonardo Metsavath e Oscar Metsavath (2008).

Para se atingir a libertação, o “Nirvana”, é preciso estudar o vazio. O sentido da palavra vazio é extremamente importante: quando pensamos em alguma coisa ou objeto, nossa mente segue em todas as direções, não é estável. Ela não pode ficar fixa em um objeto, pois as coisas não existem do seu próprio ponto de vista, na verdade elas existem sobre vários ângulos e de muitas maneiras – este é o sentido de vazio (PARREIRA, 2014 p. 65 apud METSAVATH, 2008).

Tais palavras supracitadas vão de encontro com as concepções de Trinh Xuan Thuan (PARREIRA 2014 p. 65 apud BLATTCHEN, 2002), astrônomo e cosmologista sobre ausência de existência:

A vacuidade não é o nada, como muitos ocidentais pensam, mas a ausência de existência própria. (...) na mecânica quântica (...) as partículas que compõem essa mesa, quando não são observadas, existem sob a forma de ondas. É somente quando são observadas que se tornam partículas! Algo que é ao mesmo tempo onda e partícula, o que é? É preciso concluir que as partículas que constituem o mundo não têm realidade intrínseca. Eis a vacuidade. (p. 22).

A vivência espiritual pode ser uma vivência de libertação. Deus está em tudo e em todos, no sentido de que Deus é a possibilidade do tudo, é um todo possível. O problema talvez esteja em quando segmentamos os sentidos. A meditação está relacionada ao que não adere, é o deixar passar, deixar fluir.

## Referências

ECKHART, M. *Sobre o desprendimento e outros textos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GONÇALVES, P. S. L. “A religião à luz da fenomenologia hermenêutica heideggeriana (The religion in the light of Heidegger’s hermeneutic phenomenology)”. *Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 10, n. 26, p. 566-583, 2012.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo* (Parte I). Petrópolis: Vozes, 1988.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo* (Parte II). Petrópolis: Vozes; 1990.

HEIDEGGER, M. The question of technics. *Scientiæ studia* 2007.

METSAVATH, L. & METSAVATH, O. (Diretores). (2008). *Surfando nas montanhas sagradas do Himalaia* [VHS]. Rio de Janeiro: Terras de Aventura Produções.

PARREIRA, W. A. “Fenomenologia e espiritualidade: consciência e meditação”. *Memorandum*, v. 27, p. 61-72, 2014.

ZAHAVI, D. *A Fenomenologia de Husserl*. Rio de Janeiro: Viva Verita, 2015.

ZILLES, U. *A crise da humanidade europeia e a filosofia: Uma introdução à Filosofia Fenomenológica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.